

DOIS especialistas contratados pelo Ministério da Educação — o brasileiro Sérgio Costa Ribeiro e o norte-americano Philip Fletcher — chegaram, em Brasília, a um penoso diagnóstico sobre o sistema de ensino brasileiro: o Governo teria de investir duas vezes e meia o valor do que está aplicando em educação para garantir que a geração agora matriculada no primeiro ano escolar conclua as oito séries do primeiro grau no tempo previsto.

Mas não se tratou apenas de valores absolutos nesse relatório: cruzando informações sobre idade, escolaridade e nível de renda da população, foi possível verificar o efeito arrasador da repetência e da evasão escolar.

Não são novidades — até pelo contrário. Mas é importante que isto seja dito e redito com ênfase. Problemas sociais e a baixa qualidade do ensino provocam a repetência e a evasão, em doses cavalares. Se a evasão é trágica, a repetência congestionava o sistema: os que ficam marcando passo nesta ou naquela série impedem a entrada de novos alunos. Pode ser efeito da subnutrição; mas também de um ensino mal pensado e mal ministrado, que não entra na cabeça das crianças, que cria traumas e barreiras às vezes insuperáveis.

Apesar do bloqueio dos repetentes, o relatório também enfatiza algo de extrema importância: existe, no

país, espaço para quase todas as crianças na rede escolar. “Os novos secretários de educação precisam saber — diz Sérgio Costa Ribeiro — que não devem sair por aí só construindo escolas.”

A obsessão “construtivista” deixou para trás, na sombra, problemas essenciais — como o da formação e remuneração dos professores. Tudo isso lembra uma tendência universal da educação moderna que, nos Estados Unidos, recebeu o nome de “back to basics” — a volta às bases. Está muito bem que se pense em “novas tecnologias” na educação, que se entoem louvores à “educação a distância” feita pela televisão ou outros meios eletrônicos; mas, num país com a imensidão e a diversidade do Brasil, é utópico e enganoso fugir das realidades básicas — o professor e o aluno.

Se o professor é mal pago, se ensina uma pedagogia antiquada, pouco inteligente, de nada valerão novidades eletrônicas ou prédios recém-construídos: permanecerão as barreiras que são a repetência e a evasão — as fontes de onde jorram os novos contingentes de analfabetos. A julgar pelo relatório — que soa perfeitamente real — importam menos, na educação brasileira, reformas espetaculares, abrangentes, do que a seriedade e o bom senso; e o respeito tanto ao aluno quanto, sobretudo, ao professor.